

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
17 de Abril de 2026

L'UDIENZA / 1972
(A Audiência)

Um filme de Marco Ferreri

Realização: Marco Ferreri / Argumento: Marco Ferreri e Dante Matelli, a partir de uma história original de Marco Ferreri e Rafael Azcona / Direcção de Fotografia: Mario Vulpiani / Música: Teo Usuelli / Cenários: Luciana Vedovelli-Levi / Guarda-Roupa: Una Nervi-Taviani / Montagem: Giuliana Trippa / Interpretação: Enzo Jannacci (Amedeo), Claudia Cardinale (Aiche), Michel Piccoli (Padre Amerin), Ugo Tognazzi (Aureliano Diaz), Vittorio Gassman (príncipe Alberto Donati), Alain Cuny (padre jesuíta), etc.

Produção: Vides Cinematografica / Produtor: Franco Cristaldi / Cópia: DCP, colorida, versão original, legendada eletronicamente em português / Duração: 112 minutos / Estreia em Portugal: Castil (Lisboa) e Cine Estúdio Lido (Amadora), a 5 de Novembro de 1974.

Se se pode discutir em que ordem de grandeza se inscreveu realmente Marco Ferreri, todos estarão de acordo que ele foi, pelo menos, um grande provocador. No melhor sentido da palavra: nas suas mãos, o cinema transformava-se numa arma de arremesso contra qualquer tipo de ordem estabelecida, fosse ela de foro político, moral, económico ou religioso. Nalguns casos, como será o de **L'Udienza**, todas essas ordens se fundiam numa só, encenada por Ferreri como se numa determinada instituição (aqui, a Igreja Católica) se reproduzissem, concentradamente, todos os mecanismos de controlo e perpetuação do poder cultivados pelas mais altas instâncias da sociedade contemporânea. Aí, no ataque a essa ordem invisível estabelecida e defendida pela moral "burguesa" dominante, se encontra o verdadeiro fulcro do cinema de Ferreri.

Nesta barragem de fogo apontada à Igreja, Ferreri opta pelo modelo do absurdo. É um absurdo "kafkiano", como aliás o protagonista não se cansa de repetir por diversas vezes. O ponto de partida é simples: um jovem da província chega a Roma com o intuito de conseguir uma audiência com o Papa. Os motivos nunca são esclarecidos nem realmente importam: o que interessa a Ferreri é submergir a sua personagem num imbróglia burocrático de tonalidade, justamente, "kafkiana" (reminiscente de livros como "O Processo" ou "O Castelo") onde as complicações de carácter formal alternam com a necessidade de recorrer a personagens tão estranhas quanto a prostituta interpretada por Claudia Cardinale ou o príncipe fetichista a cargo de Vittorio Gassman.

O projecto de Ferreri é claro: encenar a Igreja Católica como um gigantesco "polvo" - analogias com a Mafia não serão mera coincidência - que utiliza os tentáculos para se manter inacessível e assegurar uma existência unicamente centrada sobre si própria. A inversão completa, portanto: já não uma Igreja ao serviço dos fiéis, mas os fiéis ao serviço da Igreja, alimentando-a. Alguns dos momentos mais conseguidos do filme, e que melhor conseguem exprimir esta ideia, são as cenas em que

Ferreri mistura na ficção imagens "documentais" do Papa Paulo VI, dando azo a que, pela tensão assim estabelecida, a sua figura desenvolva uma aura de verdadeira "intocabilidade".

Ferreri entretém-se ainda a desmontar a estrutura hierárquica da Igreja - a greve dos frades no convento por causa da alimentação - expondo-a enquanto microcosmos reflector de toda a organização social, a brincar com as discussões teológicas - "e a infalibilidade, o que é que fazemos à infalibilidade?" - e, continuando a fazer apelo ao absurdo, a jogar com algum "nonsense" político: o príncipe que recebe a visita de um revolucionário português (!) que lhe leva vinho e discos de Amália Rodrigues (!!).

Que o filme é sulfuroso (e salutarmente sulfuroso) ninguém nega. Que deve mais a uma retórica demasiado legível do que a uma sistematização formal eficaz, também parece difícil negar. Ao construir o filme em "pescadinha" (a personagem principal morre, no momento em que aparece alguém a reclamar uma audiência com o Papa) Ferreri deu a **L'Udienza** uma estrutura que podia ser a metáfora do seu próprio funcionamento: o círculo fecha-se sempre, quer dizer, tudo fica na mesma.

Luís Miguel Oliveira